

Istoé

4/7/1984

Há vida nos canaviais

No tempo já algo distante da prosperidade, o brasileiro das cidades simplesmente ignorava o drama social que a multiplicação das lavouras sazonais e a mecanização acelerada produziam na sociedade rural do Centro-Sul. A massa de trabalhadores que foi expulsa das antigas colônias nas fazendas para a periferia das pequenas comunas do interior constitui desde então um exército de volantes, pelo menos 4 milhões de homens, mulheres e crianças, segundo estimativas razoáveis, para quem a realidade do conforto, consumo e lazer não passam de ilusão de óptica. São os bóias-frias, cujas revoltas das últimas semanas no Norte de São Paulo irromperam pela sala de visitas da classe média nos noticiários de televisão como um exemplo chocante de como é dura a vida do brasileiro. A viagem nos caminhões abertos, o trabalho de sol a sol, a ausência de um contrato de trabalho regular, o jugo dos agenciadores para serviços de um dia — todos esses ingredientes se compõem numa grande e única explicação para a rebelião que gerou, pela primeira vez, um punhado de conquistas pelos trabalhadores dos canaviais paulistas.

Nesta edição, para inaugurar uma nova seção regular, nossos repórteres voltaram aos mesmos locais onde cobriram a greve do final de maio passado. Vista à luz do dia, a sociedade dos canaviais continua tensa — mas as pessoas e o tecido de interesses que as une é bem mais complexo do que o cenário de colisão frontal levantado no momento da crise. Os bóias-frias são seres humanos que têm esperanças e propostas bem concretas. Há fazendeiros de cana que não toleram a movimentação dos empregados; e outros que se transformaram em industriais e são capazes de discutir a questão social numa linguagem civilizada e construtiva. Também os "gatos", como os agenciadores de mão-de-obra avulsa são chamados pelos bóias-frias, não formam um grupo homogêneo — entre todos eles, no entanto, corre a impressão de que sua atividade está condenada à morte.

Mais importante ainda, no caso, é a descoberta de que todas essas pessoas têm absoluta certeza de que os conflitos voltarão, até que os trabalhadores recolham todos os direitos que já se tornaram corriqueiros nas cidades — do salário ao serviço médico, das férias ao direito de greve. São fatos como esses que nos fazem sentir membros de uma sociedade viva, onde a democracia não é uma bandeira só agitada quando se pensa em eleições. Descrever esse grande corpo de 125 milhões de pessoas, suas contradições e seus projetos será a tarefa de Sociedade, um serviço que deve-se tornar cada vez mais importante nesta revista. O mundo dos bóias-frias está na página 32.

Os Editores

(Página 17)